

Lia Vieira

Escritora, economista e doutoranda em Educação pela Universidade de Havana (CUBA). Publicou *Eu, mulher: mural de poesias* (Edição da autora, 1990), *Chica da Silva: a mulher que inventou o mar* (Produtor Editorial Independente, 2001), *Só as mulheres sangram* (Editora Nandyala, 2011 e 2017), *Olhos de azeviche* (Editora Malê, 2017), e outras publicações em antologias.

por que nicinha não veio?

A sirene tocou marcando o início das visitas.
O calor sufocante de mais uma tarde sem chuvas.
A indolência do corpo e do pensar.
Um dia atravessava o outro.
Cumpria pena no Talavera Bruce.
O artigo 157.

Só um alívio entre tantas outras iguais a fazia sobrevivente: a visita de Nicinha, sua mãe. Nicinha jamais fizera julgamento do seu gesto, nunca censurara ou se referira ao acontecido.
Trazia sempre palavras confortadoras, revistas, novidades que ali não tinham eco...

Mas fazia bem o jeito bom de querer que a mãe lhe passava. Única amiga, cumpriam juntas a pena, uma dentro outra fora das grades. Não faltava nunca. Tinha sempre uma “coisinha especial”. O mundo exterior entrava ali por seus olhos meigos e a serenidade de sua presença. Perguntou as horas. Alguém lhe soprou um número. Recostou-se inquieta, nervosa, amedrontada. Acendeu um cigarro. Tudo se aquietou à sua volta. Melancolia. Presságios.

O tempo se excede. Terminado o horário de visitas. Todas recolhidas. Em seu armário um bilhete pregado:

Nicinha não virá mais. Foi atropelada no percurso até aqui. Mais informações na Administração.

Uma imensa força, como que vinda de fora, estremece o corpo torturado, ela leva uma das mãos diante do rosto, como se fosse para livrar-se de uma teia de aranha. Os olhos estão semicerrados e ela fala em delírio. Agita os braços ao redor, boca e olhos abertos.
Não atendeu quando alguém chamou seu nome.

Apodrecera o fio a que estava atada e despencou nas profundezas.

Ficaria por lá a espera. Contaria carneirinhos, que por lá não passariam, pois lá não era o caminho, mas ela não sabe, ausente, nunca saberia.

[PUBLICADO EM *SÓ AS MULHERES SANGRAM*. BELO HORIZONTE: NANDAYA, 2017, P. 10]

foram sete...

Coral piou no mato alto. O dia terminara mal.

Não tinha cheirado cola. Não sabia como dar conta à Flor de Liz do paradeiro de Aruanda. Procurara o morro inteiro pela pestinha, mas que nada.

Teimava em não entrar no barraco. Ali cheirava mofo, suor e resina de vela que Flor acendia para seu Sete proteger a todas.

No varal as roupas balançavam parecendo gente ... Que fossem! Mesmo assim não iria me apartar dali. Será que ia ter desova naquela noite? Escutei então o cantarolar

e o barulho da água em enxurrada. Devia ser a Maria do Balaio deitando fora a água do banho.

Não tardava e ela vinha pedir alguma coisa. Era sempre assim, e eu sem vontade de prostrar, de ouvir vantagens e chororô da amiga de minha mãe. Estranho a palavra amiga. As duas quase não se viam. O que uma sabia da outra era o que eu ou Aruanda, minha irmã, contávamos nas vezes em que Flor de Liz não tinha freguês e podia conversar, ensinar ou limpar o cubículo em que vivíamos. Uma coisa por vez. As três nunca dava tempo, senão embolava o meio de campo.

Quando Flor de Liz resolvia conversar, partia sempre do mesmo ponto, de como começara a sua vida, de como seu patrão lhe fizera as prendas, de como se devia manter limpa, linda e jovem para sobreviver na cidade grande, principalmente no morro. E encerrava sempre a lição dizendo que me guardava para um bom partido, de preferência PM para cuidar de nós todas. E Aruanda seria para um enfermeiro dali, bem perto, do Souza Aguiar, que consulta era difícil e remédio nem se fala, e do jeito que havia doença neste mundo, somente uma peixadinha dessa para aliviar. O assunto dava-se por encerrado quando Flor de Liz se dirigia para o canto do quarto e balbuciava cantigas para seu Sete e a faxina

começava num ritmo louco, como se o PM ou o enfermeiro fossem entrar a qualquer momento.

Agarrara-me a cabeça. Taparam-me os olhos.

Não durou muito o suspense. Pelo cheiro de manga e as mãos sujas de terra, só podia ser a maldita. Desvencilhei-me com raiva e vi a seus pés um saco cheio de mangas e a cara torta e desganhada de minha irmã, Aruanda.

– Luanda – foi me dizendo – nem demorei muito, viu. Escureceu faz pouco e Flor de Liz nem chegou. Tem janta? Demorei mais porque de novo aquele velho enxerido, seu Safa-Onça, buliu comigo, dizendo gracinhas. Dei-lhe uma mangada na cabeça e acabei com a prosa dele. A molecada ficou num riso só.

Ela metralhava cem palavras por minuto, tinha fôlego de gato.

A história do seu Safa-Onça ainda ia acabar mal. Eu mesma ia ter que falar com seu Sete. Flor andava ocupada demais.

Entramos, levadas pela fala de Aruanda, que contava histórias e vantagens de mais um dia no morro.

Um banho, o jantar, mais histórias-tiros-palavrões, corria morro acima (ou abaixo?) e mais um dia se encerrava.

Já outro clareava, com seu Safa-Onça em minha cabeça. Branco, macho e rico, seu passatempo era descaçar meninhas, assim falavam todos, assim sabiam todos, assim calavam todos.

Ao ver Aruanda dormindo, eu desejava-lhe melhor sorte. Tinha doze anos. Estava no ponto. Que não fossem o PM ou o enfermeiro, mas seu Safa-Onça, não!

Acertei um pouco o cabelo e a roupa quase limpa. Nem bem, nem mal. Eu iria para o Santo Antônio. Era dia da bolsa de alimentação. Ficaria por lá todo o dia e seria recompensada por ter que aturar gestos de piedade, sorrisos de desprezo, olhares de culpa. Mas, contribuiria com minha parte para a sobrevivência da família.

Eram oito horas quando voltei e lá estava... notei que a sala virara um tapete escuro. Pude então distinguir Aruanda aninhada no chão. A bichinha nem se mexia. Tive receio de me aproximar. A vela de seu Sete estava apagada. Me arrepiei. Fiquei ali. Achei-me perdida. Amaldiçoei baixinho: – Filho da puta! Foi quando o raio cortou os céus e dividiu meus pensamentos que foram

indo, indo e só voltaram quando os vizinhos começaram a gritar que eu acabara com seu Safa-Onça.

O trem do esquecimento já fez o passado e no meu trilho de lembranças só restam o facão e o rosto envelhecido, mas sem lágrimas, o rosto de Flor de Liz que estava sendo amparada pela vizinha amiga, como as duas previram que seria um dia. E muita gente aguçada pela curiosidade e que, por falta de detalhes, apenas zumbiam em meus ouvidos:

– Foram sete ... foram sete.

[PUBLICADO EM *SÓ AS MULHERES SANGRAM*. BELO HORIZONTE: NANDAYA, 2017, P. 25]